

ARQUEOLOGIA E EDUCAÇÃO: UMA PARCERIA EM TORNO DE UM SÍTIO QUINHENTISTA.

ADRIANA NEGREIROS CAMPOS*

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

1.1- Outras experiências

O Monumento Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos, enquanto espaço educativo privilegiado da cidade de Santos tem sido alvo de projetos educacionais bem sucedidos desde o ano de 2001.

Enquanto espaço de educação não formal, o Engenho dos Erasmos possibilita uma grande diversidade de experiências educacionais, que tem como premissa a busca por novas alternativas para o seu papel educacional.

Nesse sentido, os projetos educacionais que ocorreram, e ainda ocorrem no local, têm como metodologia a não escolarização das suas práticas, ou seja, uma preocupação corrente em não fazer do monumento local de transposição didática de práticas do ensino escolar que incorporem concepções de educação que priorizem o discurso verbal ao invés de valorizar a participação dos educandos, em que os estudos do meio servem apenas para complementar o currículo ou ilustrar conhecimentos teóricos (LOPES, 1991, p.443).

Inserido no contexto do projeto arqueológico do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP intitulado *Engenho São Jorge dos Erasmos: Estudos de Arqueologia da Paisagem*¹, foi realizado na Escola Estadual Gracinda Maria Ferreira, localizada ao lado do sítio quinhentista, na Zona Noroeste de Santos, sob a supervisão da arqueóloga Elaine Farias Veloso Hirata², um programa de ação educativa denominado *Arqueologia, Patrimônio e Ação Educativa*.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia/USP e Bolsista da CAPES

¹ Projeto coordenado pelo Prof. Dr. José Luiz de Moraes, MAE/USP.

² Participaram do programa de ação educativa: a educadora do MAE, Judith Mader Elazari; a historiadora e educadora Jussara Moritz; o cineasta e documentarista André Costa e o arquiteto e documentarista Silvio Cordeiro.

O projeto iniciou-se a partir do primeiro semestre de 2001, após contato com a escola e os professores, visando a um planejamento transdisciplinar que incluísse o Engenho dos Erasmos como fio condutor de uma série de atividades, apoiada na cultura material como suporte de comunicação e informação do presente e do passado.

O projeto educacional iniciou-se com a aproximação dos docentes da disciplina arqueológica e de questões relativas ao patrimônio a partir de encontros de formação, onde educadores familiarizaram-se com a exploração da cultura material, quando documento capaz de provocar o aprendizado em sala de aula. Após esta etapa, apoiados pelas reflexões anteriores, professores, juntamente com os educadores do MAE, puderam elaborar um projeto a ser desenvolvido por sete classes do ciclo II e uma classe do ensino médio. O projeto resumidamente abarcava o trabalho com “KIT” de documentos materiais e iconográficos elaborado pelo MAE, visitas sistemáticas de reconhecimento e exploração do Engenho e a construção de um sítio arqueológico experimental na área da escola.

Em síntese, o projeto proporcionou aos envolvidos um processo de aprendizagem que incluiu como ponto de partida o monumento, mas que foi capaz de ir muito além dele e das práticas tradicionais de educação. Ao partir do concreto, do manuseio e da exploração de objetos inseridos dentro de um contexto, promoveu aprendizagens significativas e descobertas capazes de abalizar toda uma vida, integrando educação e arqueologia.

Em 2003, outra experiência educativa foi realizada no Monumento Engenho São Jorge dos Erasmos e teve como estratégia o uso dos recursos audiovisuais na forma de oficina de vídeo. A experiência gerou um videodocumentário³ produzido por um grupo de 12 alunos da escola vizinha ao monumento⁴, coordenado por Silvio Cordeiro e André Costa.⁵

³ O videodocumentário *Engenho dos Erasmos: Imagens da Redescoberta* foi o objeto de estudo da dissertação de mestrado de Silvio Cordeiro denominado *A paisagem histórica do Engenho São Jorge dos Erasmos: o vídeo como instrumento educativo na arqueologia do monumento quinhentista* em Arqueologia, no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, sob a orientação da Prof Dra Elaine Farias Veloso, em 2008.

⁴ Escola Estadual Profª. Gracinda Maria Ferreira, Santos-SP.

⁵ Os coordenadores fazem parte do grupo de estudos audiovisuais Olhar Periférico, que atua no desenvolvimento e direção de videodocumentários e na elaboração de projetos sociais, culturais e educativos. Para saber mais <http://www.olharperiferico.com.br>

A produção do vídeo propiciou a integração de estudantes e moradores em torno do Engenho, enquanto patrimônio desconhecido por grande parte dos envolvidos, levando a uma “redescoberta do olhar” sobre o bem, ressignificando-o como lugar de diálogo entre o presente e o passado.

Desde 2004, até a atualidade, por meio da convergência de interesses entre prefeituras locais (Santos e São Vicente) e a USP (Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária), o Engenho dos Erasmos tem sido palco de uma ação educacional sistemática envolvendo alunos do ensino fundamental da rede pública, educadores do Engenho⁶ e professores cedidos pela Secretaria de Educação⁷.

O Programa Educacional VouVolto⁸ tem como objetivo, por meio do enfoque ambiental e histórico, promover e compartilhar ações educacionais que evidenciem a consciência preservacionista, enquanto responsabilidade de todos, como também incentivar o sentimento de pertencimento em relação ao bem cultural e contribuir para conscientização do papel de cada um na preservação da memória como parte importante para a construção da identidade e cidadania.

O programa resumidamente inclui um planejamento de atividades que vão desde o contato com a escola a fim de definir os múltiplos aspectos a serem explorados, visita-prévia do professor no local para exposição das temáticas e conhecimento do espaço e das suas potencialidades, preparação do aluno, de modo que cheguem imbuídos do espírito de pesquisador, o estudo do meio propriamente dito e, por fim, a etapa da apropriação na escola.⁹ Vale a pena ressaltar que a “preparação” dos alunos é um etapa muito importante a ser realizada em sala de aula, mas o seu significado é o de estimular e levantar hipóteses em torno do bem e não chegar imbuídos de respostas prontas.

⁶ A equipe de educadores da USP que atuam no Engenho é formada pelo historiador Rodrigo Christofolletti e pelo biólogo André Muller de Mello.

⁷ Faço parte do projeto VouVolto desde a sua implantação em 2004 conjuntamente com os professores: Cristiane Eugênia do Amarante, Débora Marreiro, Maria Del Carmen B. Dumarco e Sandra Regina Pereira Ramos.

⁸ O programa VouVolto foi idealizado pela Prof^a. Dra Maria Cecília França Lourenço, presidente do Conselho Curador das Ruínas, enquanto responsável pela organização do plano gestor das Ruínas e de seu uso público.

⁹ Os professores recebem material pedagógico com orientações teóricas e práticas. Para saber mais ver LOURENÇO, Maria Cecília F.; CHRISTOFOLETTI, Rodrigo e MELLO, André Muller. Caderno Vou Volto. RESJE, USP, 2005.

1.2 – Que lugar é esse?

O Engenho São Jorge está localizado na cidade de Santos, município da região metropolitana da Baixada Santista, e é um dos marcos importantes do início do processo de consolidação do poder português nas terras brasileiras e do estabelecimento da indústria açucareira nas terras do novo mundo.

Martim Afonso de Souza, donatário da Capitania de São Vicente, a mando da monarquia portuguesa, foi o responsável por organizar a ocupação das novas terras que incluía, entre outras obrigações, montar a infraestrutura para garantir a permanência de portugueses nas novas terras, doar sesmarias, construir fortalezas e engenhos para a produção do açúcar.

Dentro desse contexto de inserção do Brasil no mercado europeu, por volta de 1533-34, foi mandado erigir o Engenho dos Erasmos, que primeiramente foi denominado Engenho do Governador até ser adquirido pela família dos Schetz de Antuérpia. O período de apogeu do Engenho como manufatura mélica foi sob a direção dessa família, de 1540 até a primeira metade do século XVI. Segundo Paul Meurs¹⁰, o engenho funcionou até o século XVIII e ao longo do tempo produziu além do açúcar, rapadura e aguardente para o consumo interno. (ANDREATTA, 1999, p.31).

As ruínas quinhentistas foram doadas pelo último proprietário, Octávio Ribeiro de Araújo em 1958 à USP e, desde então, a universidade tem a sua salvaguarda. No ano de 1996, foram realizadas as primeiras prospecções arqueológicas sob a supervisão da arqueóloga Margarida Davina Andreatta, do Museu Paulista da USP, e pela Universidade Católica de Santos, concluídas no mesmo ano, quando foram evidenciadas as principais estruturas arquitetônicas do Engenho e mais de mil e setecentos artefatos arqueológicos, entre eles, material lítico, cerâmica, louça, porcelana, faiança, vidro e metal. (ANDREATTA, idem).

Em 2003, novas escavações convergiram para o estabelecimento da arqueografia de um antigo cemitério no local, onde foram obtidas, por meio do carbono 14, datações

¹⁰ Professor holandês, cujo trabalho *Engenho dos Erasmos, Santos Preservation Studies, 1990*, por solicitação do atual Centro de Preservação Cultural (CPC) da USP, ampliou muito os estudos sobre o Engenho, baseando-se em fontes editadas e tabelionatos.

do século 16. As pesquisas preliminares revelaram a identificação de dezenove indivíduos e preliminarmente de suas etnias – indígenas, negros e mestiços - e a presença de padrões de enterramento (MORAIS,2003). Nesse sentido, a arqueologia constitui fonte fundamental para o estudo das ruínas e acredita-se que muitas das hipóteses ainda por esclarecer poderão ser elucidadas com trabalhos arqueológicos futuros.

1.3- Contextualizando

Santos é uma cidade que preserva um número significativo de patrimônios referentes ao seu período colonial. Fundada em 1545 pelo português Brás Cubas, trazido para o Brasil na esquadra de Martim Afonso de Souza em 1532, Santos nasceu entre o Monte Serrat e o Outeiro de Santa Catarina como um pequeno porto e é uma das cidades mais antigas do país devido à sua importância na formação dos primeiros assentamentos portugueses no século XVI, juntamente com o município de São Vicente, primeira unidade política implantada pelos portugueses em sua colônia.

Nesse sentido, podemos encontrar na cidade referências arquitetônicas importantes do período colonial que vão desde os patrimônios religiosos e administrativos aos militares. O Centro Histórico atual mantém o traçado original colonial de muitas de suas ruas e vielas, pois, até a primeira década do século XX, Santos conservava ainda todo o seu antigo aspecto colonial, mantendo suas ruas estreitas, poucos sobrados, casas baixas e largos beirais (LANNA, 1996, p.39). Contudo, a cidade estava se transformando, crescendo a sua população, surgindo novos costumes, mudando o seu traçado urbanístico.

O fato de ter preservado muito de suas características coloniais pode ser elucidado pelo fator econômico, já que a cidade só irá sofrer grandes transformações urbanísticas somente na passagem do século XIX para o XX. Será com o advento da cultura do café no planalto paulista e pela modernização do porto, como principal escoadouro da produção brasileira, que Santos irá reafirmar a sua função portuária e comercial que permanece até hoje.

Contudo, apesar das transformações decorrentes do café e da materialização de visões de civilização ¹¹, a cidade hoje reafirma a sua identidade enquanto cidade

¹¹ Segundo Norbert Elias, a passagem da civilidade para a civilização é um processo dinâmico de dominação e que vai gradativamente eliminando as possibilidades de existência de diferenças. Ver

histórica e turística, percebida pela revitalização do Centro Histórico¹² e do bonde como marca oficial da cidade.

1.4 - Descobrimo que os objetos falam.

Todo mundo tem alguma noção sobre o que é Arqueologia. Muitas vezes essa visão acaba sendo estereotipada pelas imagens reproduzidas em filmes de aventura. Mas o que ele tem a ver com a disciplina arqueológica? Que disciplina é essa e qual a sua relação com a vida das pessoas no passado e no presente? Quais são os seus objetos e como é possível aproximar a arqueologia da escola? Como fazer com que nossos alunos compreendam as transformações culturais por meio da análise e exploração dos objetos? É possível transformar a educação trazendo pra sala de aula questões sobre a cultura e diversidade por meio da exploração dos objetos?

A arqueologia enquanto disciplina se constitui a partir da investigação das sociedades humanas por meio dos vestígios materiais que podem ser entendidos como o conjunto de coisas que fazem parte da história do homem no mundo, ou seja, os artefatos. Artefatos são o produto direto do trabalho humano, como também os chamados ecofatos ou biofatos, que são decorrentes da relação do homem com o seu ambiente. Nesse caso, são considerados vestígios arqueológicos tanto os objetos produzidos e utilizados em diferentes contextos, mas também as “impressões” deixadas na paisagem. (GIBERTONI, 2009).

Assim os objetos, as estruturas, as marcas na paisagem e as transformações na natureza constituem importante mecanismo de interação entre aprender e ensinar. Mas o que aprender com o mundo de coisas materiais nos quais estamos inseridos socialmente?

Segundo HIRATA (2007, pag.420):

“Os seres humanos usam objetos como um meio de compreender e explicar o mundo: as coisas evocam pessoas e situações, provocam emoções e suscitam reações de toda natureza. Os fazem porque, enquanto objetos são suportes materiais de mensagens e informações, são signos e símbolos permeando nosso cotidiano, mediando as relações sociais, comunicando

Norbert Ellias, *O processo civilizador*. Trad. Rio de Janeiro, Zahar, 1990,

¹² Instituído pela lei complementar nº 470/2003, o Alegra Centro é formado por uma série de ações voltadas ao crescimento econômico e social do Centro Histórico, repercutindo em toda a cidade. O projeto apoia a instalação de empreendimentos em imóveis históricos voltados ao comércio, prestação de serviços, entretenimento e turismo. Empresários recebem incentivos fiscais com a restauração dessas edificações

hierarquias e classificações, explicitando pertencimentos e exclusões, mobilizando ações de toda natureza.”

Portanto, os objetos enquanto suportes de comunicação são tão importantes no meio escolar como outras fontes comumente utilizadas, pois carregam em si uma gama de informações, basta para isso que saibamos interrogá-los e fazê-los “falar”. Enquanto documentos históricos, os objetos são portadores de narrativas sobre o passado e presente, carregam valores, contam a história de um povo ou de uma pessoa, evocam diferentes formas de comportamento e modos de viver, além de possibilitar uma reflexão sobre o conhecimento da sua própria história.

O trabalho educativo com o universo de coisas materiais pressupõe métodos e referenciais teóricos específicos que permitam a sua decodificação. Uma série de encaminhamentos metodológicos articulados com a realidade da sala de aula que constituem opções feitas entre ideias, procedimentos, estratégias, experiências transformadas e reorganizadas, que objetiva levar professores e educandos a descobrirem a rede de significados e de relações que estão contidas na evidência material.

A exploração do universo material em sala de aula permite uma relação em que professores e alunos entrem em contato com o objeto como *fonte primária de conhecimento*, que traz em si uma multiplicidade de aspectos e significados. Nesse modo, o objeto mais comum de uso doméstico pode oferecer uma gama de informações a respeito do seu contexto histórico-temporal, da sociedade que o criou, usou e o transformou, dos gostos, valores e referências de um grupo social, do seu tecnológico e artesanal, de seus hábitos e da complexa rede de relações sociais (HORTA, 1999).

1.5 - Que educação queremos professar?

"Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (FREIRE, 2002, p. 68)

Mas a que educação estamos nos referindo? Uma educação em que o conhecimento seja de fato construído, em que o educando seja um sujeito ativo no seu processo de aprendizagem e que considere o educador capaz de elaborar e transformar a sua prática.

Na discussão do processo educativo, tomamos como base para o desenvolvimento do nosso trabalho as ideias defendidas por Paulo Freire e na sua proposta por uma nova relação pedagógica em que estabelecer o diálogo significa que aquele que educa está aprendendo também. Para Paulo Freire, é papel da educação a libertação e são elementos fundamentais da sua filosofia educacional a conscientização e o diálogo. Nesse processo, valoriza-se o saber de todos e não apenas do professor. Freire criticava a educação bancária, em que é o educador que detém o conhecimento e educação torna-se um ato de depositar (como nos bancos) o saber. (GADOTTI, 1996).

Portanto, o estudo da Arqueologia no interior da escola vem ao encontro com a ideia de Paulo Freire em que a relação sujeito-sujeito e sujeito-mundo são indissociáveis. Ao destacar a importância do diálogo como forma de libertação do modelo tradicional escolar de mera transmissão de conhecimentos, creditamos ao estudo da cultura material em sala de aula o caminho para uma educação libertadora, pela qual os objetos materiais e imateriais surgem de fato para questionar o passado, compreender as transformações ocorridas e entender o presente, a medida que desperta nos alunos o interesse pelo patrimônio cultural e pelo ambiente histórico.

Tomando como referência o ambiente cultural onde o homem nasce e se desenvolve, nós nos apropriaremos da abordagem vygotskyana¹³, que compreende que o processo de construção do conhecimento ocorre pela interação do sujeito historicamente situado com o ambiente sociocultural onde vive. A educação deve, nessa perspectiva, tomar como referência toda a experiência de vida própria do sujeito por meio do produto do trabalho humano, ou seja, o artefato, associado aos vestígios do meio ambiente e restos de animais associados aos seres humanos, que compõem o objeto de estudo da arqueologia.

Mas como aproximar do cotidiano escolar, visto que as práticas escolares privilegiam os livros didáticos e a escrita como fonte de aprendizado desprezando todo o universo material em que estamos inseridos?

1.6 - Objetos significativos. Para quem?

¹³ Lev S. Vygotsky (1896-1934) produziu is seus trabalhos dentro das concepções materialistas da União Soviética pós-revolução de 1917. Vygotsky tem como um dos seus pressupostos básicos a ideia de que o ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro social. A cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda o funcionamento psicológico do homem. (LA TAILLE, 1992, p.24).

Quando se fala em patrimônio é comum associarmos a palavra ao conjunto de bens de uma família, ao valor monetário dos bens materiais, ou ainda ao patrimônio histórico composto pelos bens arquitetônicos de um lugar. De uma forma ampla, ao percebermos a preocupação dos governantes em preservar os bens ao longo da nossa história, deparamo-nos com as grandes construções. Isso é demonstrado pela primeira carta patrimonial, a carta de Atenas de 1931 que valorizava a preservação de grandes edifícios e grandes monumentos com “valor histórico e artístico”, com ênfase no patrimônio nacional, levando em consideração que a carta surgiu em um contexto entre guerras e sob o impulso do nacionalismo” (FUNARI e PELEGRINI, 2006, p.22).

Contudo, a concepção atual é muito mais abrangente. Considera-se patrimônio tudo o que é criado pela natureza ou pelo ser humano e que é interesse da sociedade manter preservado devido ao seu significado ou valor, seja histórico, artístico, paisagístico, arqueológico, ecológico ou por representar os costumes ou conhecimentos de um povo (LIMA, 2003, p.51).

Ao falar de patrimônio cultural é necessário que percebamos cultura como a forma como grupos sociais organizam suas vidas, utilizam os recursos naturais, criando instrumentos, técnicas e métodos para transformá-los, concebem a realidade e a expressam (Santos, 1994). Portanto, cultura nasce das relações entre os seres humanos e destes com a natureza a partir da capacidade que temos de transformá-la.

Preocupações com a interação de culturas diversas é um processo complexo que preocupa o meio educacional. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, por meio dos seus temas transversais, procura dar conta das dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal além de valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (PCN, 1997).

Ao fazer a escolha de se trabalhar com os objetos do passado e do presente, em sala de aula é necessário considerar uma concepção de sociedade que explicita a sua diversidade étnica e cultural como traço fundamental na construção da identidade.

Nas palavras de Cordeiro, “ ao prover meios de participação e estímulo para que as pessoas compreendam a história do seu lugar e percebam e percebam que essa

mesma história é um processo de construção no qual elas interagem, a arqueologia abre a perspectiva para que elas considerem o patrimônio como parte de suas próprias história de vidas (2007, p.106).

2. OBJETIVOS

A Arqueologia é a ciência que busca compreender através dos vestígios as relações sociais e as transformações na sociedade (FUNARI, 2003, p.13). Mas como aproximar arqueologia e educação? Por ser uma ciência interdisciplinar, objetivamos com essa pesquisa utilizar a arqueologia como suporte para construção de conhecimento, ultrapassando antigas práticas em que o aluno é um mero receptor de conhecimentos.

Adotar-se-á o termo *interdisciplinar* entendendo que ele abarca uma visão de ir além das disciplinas, que é:

O diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar por elas. Assim, por exemplo, aceita o senso comum como válido, pois é por meio do cotidiano que damos sentido a nossas vidas. Ampliando através do diálogo com o conhecimento científico, tende a uma dimensão utópica e libertadora, pois permite enriquecer nossa relação com o outro e com o mundo (FAZENDA, 1991, p.17).

Nesse sentido, a metodologia da Educação Patrimonial vem ao encontro da necessidade de desenvolver no meio escolar a produção de conhecimento, desmistificando a arqueologia como uma ciência distante da realidade dos alunos e longe das práticas institucionalizadas, pois compreendemos a educação patrimonial como o caminho de resignificação da escola, transformando-a em espaço de questionamentos e ampliação da consciência social, pois Educação Patrimonial é um instrumento de alfabetização cultural, que leva o indivíduo a ler o mundo que o cerca, compreender o universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido (HORTA, 1999, p. 06).

Aproximar a cultura material da escola e das inúmeras possibilidades do trabalho em sala de aula é um dos objetivos dessa pesquisa, tendo como princípio a metodologia da Educação Patrimonial, além de valorizar o patrimônio cultural no qual estão inseridos.

O trabalho educacional centrado nos objetos permite alcançar a partir da experiência e do contato direto com evidências e manifestações de diferentes culturas,

em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização da sua herança cultural.

O aprendizado pelo método investigativo, presente na arqueologia, permite que alunos e professores façam a leitura do mundo que o rodeia, levando a compreensão do seu universo sociocultural.

Nesse sentido, segundo Hirata (1989):

“O artefato revela um potencial, enquanto fonte, que não se limita a um mero suporte material de informações. Ultrapassando o patamar interpretativo limitado pelo fornecimento dos dados intrínsecos à sua própria natureza, os artefatos habitam e compõem um universo sócio, constituindo uma linguagem simbólica extra-corpórea construída pelos homens através do processo de trabalho. Ao mesmo tempo que se caracterizam como resultantes concretas, de opções sociais e individuais, os objetos comunicam mensagens mesmo quando não são usados e, evidentemente, conotam uma ideologia historicamente determinada.”

Utilizar essa metodologia específica que pode ser aplicada a qualquer artefato ou evidência material ou manifestação de cultura, seja um objeto ou um conjunto de bens, um monumento ou um sítio arqueológico, uma paisagem, uma área de proteção, um centro histórico, um processo e produção, tecnologias, saberes e populares e qualquer outra expressão resultante da relação entre indivíduos e o seu meio, é um dos objetivos desse trabalho.

3. METODOLOGIA

O processo educativo, em qualquer área de ensino/aprendizagem, tem como objetivo levar os alunos a utilizarem suas capacidades intelectuais para a aquisição de competências e habilidades.

Ao nos apoiarmos em uma metodologia centrada nos objetos culturais e na relação dialógica entre conhecimento e educando, este experimento educativo visa a desenvolver com crianças das séries complementares do ensino fundamental, em especial alunos do 4º ano, uma série de atividades que levem em consideração os mesmos instrumentos de pesquisa que os da ciência arqueológica, por meio de procedimentos que os levem a pesquisar.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marcia Bezerra, **O Australopiteco Corcunda: As crianças e a Arqueologia em um Projeto de Arqueologia Pública na Escola**, Tese (Doutorado) – Faculdade Filosofia Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2003.

ANDREATTA, M.D. **Engenho São Jorge dos Erasmos: Prospecção Arqueológica, Histórica e Industrial**. Revista da USP, São Paulo, 41:28-47,1999.

BESSEGATO, Mauri Luiz. **Patrimônio em sala de aula: fragmentos de ações educativas**. Santa Maria: UFSM/LEPA.

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2005.

CORDEIRO, Silvio Luiz. **A paisagem histórica do Engenho São Jorge dos Erasmos: o vídeo como instrumento educativo na arqueologia do monumento quinhentista**. Tese (Mestrado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Ática, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001. p. 85-86.

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 32.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **O patrimônio como categoria de pensamento**. In: ABREU, R e CHAGAS, M (orgs.) *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 21-29.

HIRATA, Elaine Farias Veloso ET alii, **Explorando a arqueologia: um projeto educativo no Engenho São Jorge dos Erasmos**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, 17, 419-433, 2007.

HIRATA, Elaine Farias Veloso e outros. **“Arqueologia, educação e museu: o objeto enquanto instrumentalização do conhecimento”**. In: *Dédalo*. São Paulo: USP, 1989. vol. 27. pp. 11 – 46.

GRUNBERG, Evelina. **“Educação Patrimonial: Utilização dos Bens Culturais como Recursos Educacionais”** in *Museologia Social*. Porto Alegre, Secretaria Municipal de Cultura, 2000.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras “**Fundamentos da educação patrimonial**” *in Ciências & Letras*, Porto Alegre, FAPA, n.27, jan./jun.2000.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras e GRUNBERG, Evelina e MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Museu Imperial/IPHAN/MinC, 1999.

LIMA, Janice Shirley Souza. **Educação Patrimonial na área do Projeto Serra do Sossego, Canaã dos Carajás**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2005.

MORAIS, J.L. **O Engenho São Jorge dos Erasmos na Perspectiva Arqueológica e Ambiental da Baixada Santista**. Relatório Técnico, 2003.

MORAIS, J.L. **Plano de Monitoramento Arqueológico da Instalação da Base Avançada de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo na Baixada Santista**. Relatório Técnico, 2006.

REFERENCIAIS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES. Brasília: MEC, s.d.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes.